O DR. FERNANDES TÁVORA E A "TRIBUNA"

Domingos Braga Barroso

Conheci o Dr. Fernandes Távora, no início da terceira dezena do nosso século, por volta de 1921 a 1923, quando pretendia iniciar o Curso Jurídico, em nossa Faculdade de Direito.

Antes, mais jovem, na minha primeira infância, e ela decorreu forte e sadia, meu pai Antônio Barroso de Souza Cordeiro — homem do sertão, austero e com um caráter à antiga — falou-me, em ocasiões diversas, sobre o grande médico.

Por ele tinha admiração pela destimidez com que subia e descia rios da bacia amazônica, quase sempre em batelão de sua propriedade.

Lá, nas regiões selvagens do "Inferno Verde", lá "nas terras, recentemente conquistadas da Bolívia", encontraram-se, procurando ganhar dinheiro, onde este corria abundantemente. O médico, fazendo o bem às populações cearenses, ou não, que distantes do mundo menos selvagem, viviam a praticar árduos trabalhos, a enriquecer os donos de seringais e os futuros "paroaras". Sobre estes, em capítulos à parte, falo com pormenores.

Ambos, sertanejos do Ceará, durante algum tempo, mantiveram encontros relembrando os sertões do Jaguaribe e as ribeiras abandonadas do rio Curu, relatando fatos relacionados à vida de dificuldades, na Terra das Secas.

Dois homens, quase amadurecidos. Um culto, o outro de poucas letras, ambos, porém, possuindo tenacidade, honradez e disposição. Um o médico hábil e humanitário; o outro o vendedor de burros no Acre, comprados no Ceará, por pequenas quantias, transportados em navios e barcos, com embarques e desembarques dificílimos e vendidos por preços compensadores.

Assim, neste labor titânico, o médico solidificou sua cultura, que não se restringia à medicina, e acentuou e fez conhecidas suas qualidades de cidadão exemplar.

O negociante de burros levados do Ceará iniciou seus conhecimentos com o político que ele tanto admirou.

Eu, estudante, no Instituto São Luís, em Pacoti, levado pelo esforço de um Pai idealista e que desejava "orientar o filho para os estudos", ouvia, em nossa passagem por Fortaleza, onde tomávamos o trem para Baturité, em procura de Pacoti, referências elogiosas àquele que ainda residia na Amazônia, manifestando esperanças de vê-lo a clinicar no Ceará "ao lado do Dr. Paula Rodrigues", o homem a quem mais o meu pai sublimava.

E, foi, no início de minha mocidade, que aprendi por suas palavras a exaltar e a elevar os aspectos da vida e atitudes decididas de homens como Fernandes Távora, Francisco de Paula Rodrigues, João Tomé de Sabóia e Silva, Benjamim Barroso — certa vez hóspede da fazenda Rajada — , o Padre Feitosa e mais alguns filhos do Ceará.

Então descritas acima as primeiras informações que tive daquele Dr. Fernandes Távora que, em dias de glória e de dissabores, viveu capitaneando o Jornal A TRIBUNA, ao lado do irmão amigo sincero, sem defeitos, Ademar Távora.

Quando em 1923, regressei do Rio de Janeiro, onde fora trabalhar, com 18 anos de idade, e continuar meus preparatórios, no Colégio Pedro II, encontrei o Dr. Távora ainda dirigindo este órgão da imprensa cearense.

Muitos acadêmicos de Direito líamos tudo o que se escrevia sobre a situação do Brasil e do Ceará, elogiando a coragem cívica desses dois jornalistas, naqueles tempos de poucas graças e de muitos crimes políticos.

A Tribuna, lida diariamente por nós, orientada pelo Dr. Fernandes Távora, que não vacilava nem tremia, em atitudes firmes, destacava-se e se impunha edificante, pregando e defendendo os interesses do povo e ensinando o caminho reto que deviam seguir os nossos administradores.

Dava tanto destaque e valor ao jornal A TRIBUNA, que guardei como uma preciosidade raríssima o seu último número.

Naquela época, já possuía o espírito de colecionador de objetos raros que estivessem ao meu alcance.

Sobre minha mesa, desde alguns dias, está este último número de A TRIBUNA — 18 de agosto de 1924 — "Jornal quotidiano, político, noticioso e informativo" que tinha como Diretor Político Dr. Fernandes Távora; como Redator-Chefe Dr. Ademar Távora; e como Gerente R. Ribas. Seus nomes completos: Manoel do Nascimento Fernandes Távora, Ademar do Nascimento Fernandes Távora e Rodolfo Ribas.

Suas oficinas e administração funcionavam na rua Barão do Rio Branco, 228 e 230, em Fortaleza. Sua assinatura anual custava 30$000 reis e a assinatura por um semestre 20$000 ou seja na moeda de hoje, 3 centavos e 2 centavos.

E, o seu telefone era 63.

Acrescentando ainda, o seguinte: estava no "Ano IV Folha da Tarde — no. 1071": "Órgão do Partido Republicano Cearense"; e tinha como lema: **Erit Libertas.**

O dia 18 de agosto de 1924 caiu em uma segunda-feira.

Estes dados e outros que se seguem são oferecidos àqueles que escreveram e falaram sobre o Dr. Távora, nas comemorações e homenagens a ele prestadas por ocasião da passagem de seu centenário de nascimento.

A TRIBUNA desse dia foi o último número que circulou, repito.

Aqueles que se referiram ao fechamento do excelente jornal assinalavam o ano de 1925 como o término de sua circulação. Não é exata esta data, como se vê acima. Igualmente, foi dito: "Como A TRIBUNA combatia, energicamente, o Governo do Presidente Artur Bernardes, este, em 1925, decretando o estado de sítio, decretou também o seu fechamento".

Não foi em conseqüência do estado de sítio que se verificou o fato e, sim, em 18 de agosto de 1924, por livre vontado do Dr. Fernandes Távora, deixando aos seus amigos políticos e a nós, acadêmicos da Faculdade de Direito, que líamos e relíamos os seus artigos e os do meu queridíssimo Desembargador Ademar Távora, privados dos bons exemplos emanados deles.

Os caracteres em formação de alguns acadêmicos e estudantes seguiam os ditames de independência e de liberdade pregados em suas páginas pequeninas e poucas.

As razões verdadeiras que o levaram a ensarilhar armas vão, na história de minha mocidade, como uma triste ocorrência.

Ao lado do cabeçalho desse número de A TRIBUNA, está gravada uma das mais valorosas sentenças que honrou e mais elevou o destemor e prudência de seu diretor.

Fazia, de uma só vez, destacar o direito do povo e as boas normas administrativas, colocando ao seu lado tudo aquilo que pudesse concorrer para a ordem e respeito a quem os merecia, não dispensando duas críticas mordazes, mas, construtivas.

Sabia guardar a prudência enérgica de homem público mal interpretada, nesse momento, pelos amigos exaltados e por jovens colegas da Faculdade de Direito.

Recriminava com palavras ardorosas os adversários políticos.

Era muito forte, mas, era justo e sabia reconhecer os méritos de quem os possuía.

Aderbal de Paula Sales, o grande escritor cearense que vive a sua modéstia, sem o devido reconhecimento dos comentaristas e intelectuais, em seu livro o **Homem na Paisagem,** afirma, referindo-se ao Dr. Távora: "espírito reflexivo e severo, de uma independência moral incomum que, desde cedo, se revelou sem vacilações."

A TRIBUNA com sua campanha destemerosa representou grande parte do alicerce, onde se ergueram, mais tarde, e continuam se desenvolvendo as mais sólidas reformas que se iniciaram em 1930.

Esta campanha caracterizava-se pela defesa dos interesses nacionais, imitando de longe, o mais puro **Nacionalismo** pregado pelo imortal Alcebíades Delamare, nas páginas do **Gil Blas.**

(Transcrito de O POVO – 15.05.1977).